

ENSINO DE LÍNGUAS E ACOMPANHAMENTO ESCOLAR NAS REDES SOCIAIS: UMA PRÁTICA POSSÍVEL

Autor: Izabel Cristina Barbosa de Oliveira

(Universidade Aberta do Brasil, izabel_cbarbosa@hotmail.com)

Resumo:

A educação a distância (EAD) tem se beneficiado não apenas dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), os quais foram desenvolvidos especificamente com o intuito de criar ambientes propícios para o desenvolvimento de cursos, mas também de redes sociais que, na atualidade, estão disponíveis a praticamente todas as pessoas que têm acesso a internet. O Facebook, o Skype, o Hangouts e até mesmo o Whatsapp são recursos que podem ser utilizados como suporte para aulas on-line na modalidade EAD. O conceito de aula também muda (MORAN, 1994) devido aos recursos tecnológicos digitais disponíveis atualmente. E havendo esta mudança, cabe ao professor repensar sua proposta de trabalho e seu papel (ALARCÃO, 2003). Este trabalho teve por objetivos: enumerar as redes sociais mais utilizadas para o ensino de línguas e o acompanhamento escolar; e identificar quais materiais são mais utilizados no processo de ensino-aprendizagem nestas redes. Para tanto foi necessário entrevistar uma professora que oferece aulas on-line e alguns de seus alunos. Observou-se que ainda há uma grande resistência não só por pessoas de outras gerações, mas também por parte dos nativos digitais a terem aulas de idiomas e/ou acompanhamento escolar nas redes sociais, utilizando a modalidade a distância. As redes sociais mais acessadas para esta finalidade, por ordem de utilização, foram: Facebook, Skype, Hangouts e Whatsapp. Também foi possível perceber que os materiais indicados para estudo são muito variados, dependendo do grau de conhecimento e manuseio do indivíduo com as tecnologias da informação e comunicação (TICs).

Palavras-chave: educação a distância, redes sociais, TICs.

1. Introdução

A educação a distância (EAD) não é algo tão recente, iniciou-se a partir do envio de correspondência e foi evoluindo valendo-se da tecnologia disponível em cada época. Hermida e Bonfim (2006, p. 173) explicam que

no Brasil, a EAD surge em 1904, quando as Escolas Internacionais (representação de uma organização norte-americana) lançaram alguns cursos por correspondência, mas a partir dos anos 1930 é que se deu maior ênfase, com enfoque no ensino profissionalizante, funcionando como alternativa especialmente na educação não formal. Passou então a ser utilizada para tornar o conhecimento acessível às pessoas que residiam em áreas isoladas ou não tinham condições de cursar o ensino regular no período normal.

Nos dias atuais, podemos dispor de outros recursos para a propagação da educação no Brasil, além do material impresso. É possível desfrutar de outros meios como: vídeos, slides, DVDs, músicas e links como forma de difundir o conteúdo a ser trabalhado.

Em uma época na qual as distâncias estão cada vez menores por causa das tecnologias, utilizar as redes sociais para o

desenvolvimento de aulas de idiomas e de acompanhamento escolar de estudantes já é uma realidade possível. Silva e Serafini (2016, p. 69) explicam que com “a crescente evolução das tecnologias de informação e comunicação vem criando um novo contexto virtual e, sobretudo, novas maneiras de interagir no espaço cibernético”.

Segundo Cirilo, Santos e Santos (2015, p. 6) “as redes sociais surgiram por volta do início do Século XXI, com a preocupação de fazer conexões entre os seres humanos, para que acontecessem o conhecimento compartilhado e a aprendizagem coletiva entre os indivíduos”. Tanto o computador quanto o celular não possuem mais as mesmas funções que inicialmente foram criados, hoje, suas funções extrapolam a imaginação de seus criadores e ampliam as possibilidades de usos, inclusive no que se refere à área educacional.

Para tanto, o docente necessita ter o domínio da rede social a qual se propõe utilizar. A qualificação deste profissional é de fundamental importância tanto para o manuseio da rede, para as orientações aos estudantes, quanto para a elaboração/sugestão do material que será empregado ao longo das aulas.

2. Os nativos digitais e a educação a distância

Moran (1994) já afirmava que a internet iria fazer grandes mudanças na educação. Neste trabalho, podemos ver que mesmo com tais mudanças, alguns nativos podem até dar uma aula sobre o manuseio dos recursos tecnológicos digitais disponíveis, embora muitos ainda estejam engatinhando no que se refere às possibilidades de uso das tecnologias voltadas para seu aprimoramento educacional, neste caso, aulas on-line e acompanhamento escolar a distância.

Desta forma, não basta ser apenas um nativo digital, ou seja, uma pessoa que tenha nascido neste contexto tecnológico, é necessário ser uma pessoa que veja e crie possibilidades de trabalho que estes recursos proporcionam. É neste contexto que entra o professor.

Alarcão (2003, p. 31) afirma que “os professores têm que repensar o seu papel”, principalmente nesta era na qual não somos mais a única fonte de informação disponível. Nesta visão, cabe ao professor criar novas possibilidades de utilização destes recursos tecnológicos, buscando aprimorar os conhecimentos dos aprendizes independente da distância geográfica na qual se encontram.

É possível perceber o estranhamento inicial dos sujeitos envolvidos neste processo de ensino a distância com a utilização das redes sociais. Não nos referimos apenas aos professores, o que na verdade é muito comum ouvir falar de sua resistência no uso destes recursos, mas também aos alunos, que apresentam a mesma resistência a fim de utilizar os ambientes virtuais de aprendizagem.

De forma geral, os estudantes estão acostumados a utilizarem seus computadores, *tablets*, *smartphones* em contextos bem distintos, ou seja: lazer, navegação pela internet, comunicar-se com alguém, ouvir música, telefonar (mesmo que seja uma chamada de vídeo); e em pouquíssimos casos os utilizam para ter uma aula on-line.

O professor capacitado é capaz de romper com estes paradigmas pré-estabelecidos e criar aulas bastante dinâmicas e interessantes a distância. O fundamental é saber manusear as redes que serão utilizadas e desenvolver materiais que contemplem as verdadeiras necessidades dos estudantes.

Por isto é importante a indicação de materiais multimidiáticos, ou seja, materiais de diversas mídias que estão disponíveis na internet, respeitando assim, o estilo de aprendizagem de cada indivíduo. Segundo Cirilo, Santos e Santos (2015, p. 11) sugerem que “é necessário compartilhamentos de conteúdos que tenham função educativa e que despertem a atenção dos nativos digitais, links para conteúdos de áudio, jogos com informação que desenvolvam os raciocínios matemáticos, divulgação de trabalhos acadêmicos e vídeos etc.”

Porém, além disto, o aprendiz também necessita saber manusear a rede social de maneira adequada e satisfatória, a fim de realmente usufruir de todos os seus recursos disponíveis. Especialmente nesta situação, as orientações do professor são fundamentais para o progresso da aula on-line. Estabelecendo a mediação entre o aluno e a ferramenta digital tecnológica escolhida.

Concordamos com Valente (1998, p. 17) quando afirma que “as práticas pedagógicas inovadoras acontecem quando as instituições se propõem a repensar e a transformar a sua estrutura cristalizada em uma estrutura flexível, dinâmica e articuladora”. Vamos além e acrescentamos que: quando os profissionais envolvidos se propõem a repensar sua prática também há uma mudança significativa que rompe estas estruturas cristalizadas tão enraizadas na postura docente, onde sempre se espera a presença física do professor para que haja verdadeiramente o processo de ensino-aprendizagem.

Na perspectiva de Silva e Cogo (2007) essas tecnologias estão transformando as maneiras de ensinar e aprender, disponibilizando

maior versatilidade, interatividade e flexibilidade de tempo e de espaço no processo educacional.

Mesmo vivendo em uma época em que a educação a distância está sendo tão veiculada (a partir de cursos de graduação, pós-graduação, extensão, profissionalizante, dentre outros) e, de certa forma, crescente, pois a perspectiva não é de retroceder e sim se expandir cada vez mais, os cursos de idiomas e o acompanhamento a distância ainda não são vistos como formas eficientes de aprendizagem, assim, acabam caindo no descrédito da sociedade.

3. As aulas nas redes sociais

Um grupo composto por 9 (nove) alunos iniciaram suas aulas a distância com a utilização das redes sociais a fim de não romperem/pararem com os cursos de idiomas ou o acompanhamento escolar que tinham na modalidade presencial após a mudança de cidade da professora que oferecia este trabalho.

Após perceber a necessidade de continuar ofertando tal serviço, a professora entrou em contato com alguns ex-alunos, que não conseguiram alguém para continuar as aulas em suas respectivas residências, e explicou como poderiam prosseguir com as aulas de idiomas e o acompanhamento escolar.

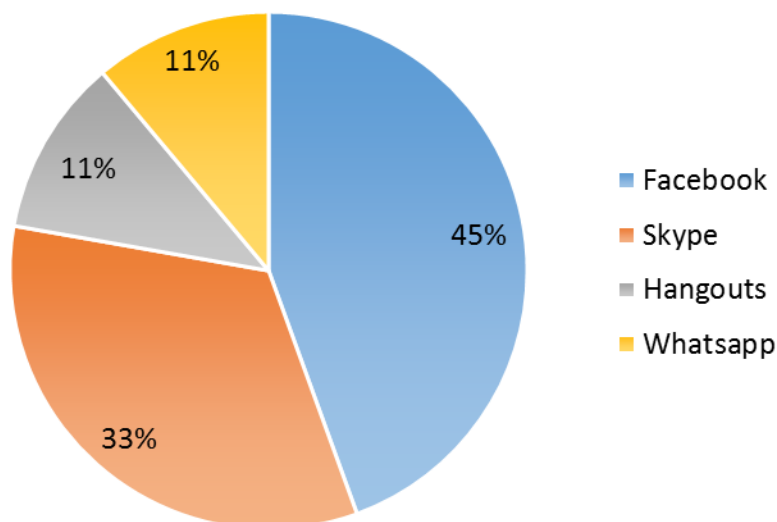
Após algumas explicações de como utilizar as redes sociais, como: Facebook, Skype, Hangouts e Whatsapp com tal finalidade; fornecer algumas aulas demonstrativas e conversar com os responsáveis dos estudantes menores de idade, foi possível iniciar o trabalho nos respectivos ambientes tecnológicos digitais.

Alguns alunos passaram meses até se decidirem a voltar às aulas na nova modalidade, os que já tinham algum conhecimento ou utilizavam tais ferramentas com outros objetivos abraçaram a ideia de imediato.

Em outros casos foi necessário convencer os pais e os próprios alunos de que era possível estudar a distância na “frente de um computador”. É importante ressaltar que os materiais utilizados/indicados nas aulas são pensados a fim de proporcionar maior qualidade de ensino e suprir as demandas de cada aprendiz.

As redes sociais mais utilizadas para as aulas de idiomas e o acompanhamento escolar foram, por ordem de utilização: o Facebook, que aparece com 45% de uso; o Skype, 33%; o Hangouts e o Whatsapp 11% respectivamente. Observe o gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Redes sociais utilizadas para as aulas a distância



Fonte: a autora

É possível perceber que mesmo não sendo ambientes desenvolvidos com um propósito educativo, os denominados ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), as redes sociais podem suprir a necessidade dos estudantes mesmo que de maneira um pouco mais limitada.

A escolha por cada rede social foi feita a partir do conhecimento/domínio que o aluno possuía e a comodidade de cada aprendiz. Inicialmente, muitos alunos ficaram incrédulos sobre a possibilidade de ter aulas pelo computador, pois ao contrário de 4 alunos que já utilizavam o Skype com outro objetivo, os demais sequer pensavam na utilização das redes com este propósito.

Explicações prévias para os estudantes sobre como seriam as aulas foram de fundamental importância para que houvesse sucesso nos encontros virtuais. Foram retirados trechos dos diálogos de cada aprendiz, a fim de mostrar o quando eles ficaram surpresos com as aulas. Os estudantes serão indicados pela sua inicial, e quando houver consciência desta, será acrescida a letra inicial do sobrenome.

A aluna C.M., que já utilizou o Skype várias vezes para se comunicar com a família durante alguns intercâmbios, foi uma das estudantes que nunca apresentou rejeição pela modalidade proposta de ensino. Ao contrário, ela também já conhecia o Hangouts e fez a escolha pela utilização do mesmo pois, segundo ela, o Skype sempre apresenta problemas devido à má

qualidade no serviço e na velocidade da internet no Brasil. Ela necessitou das aulas para aprimorar a pronúncia e o vocabulário para outro intercâmbio em um país de Língua Inglesa.

Da mesma maneira aconteceu com E., este aluno já utilizava o Skype para se comunicar com amigos fora do país, e o acompanhamento fluiu de maneira bem natural, sem maiores complicações. Este também necessitou aprimorar seu Inglês para um intercâmbio. Ao contrário de C.M. ele pedia materiais voltados à assuntos específicos nos quais ele possuía mais dúvidas. Adequando-se à utilização de links com propostas de atividades on-line.

O aluno F. nunca tinha utilizado nenhuma das redes sociais para tal atividade, não possui e-mail e as aulas são ministradas pelas contas da mãe, para acessar, prioritariamente o Skype e o Facebook. Por questões econômicas o aluno, nas últimas aulas, migrou para o Whatsapp, pois o computador quebrou e não houve a possibilidade de concertá-lo. Nesta rede social, ele aprendeu a observar o material e apenas escutar a voz da professora, sem visualizá-la. Este aprendiz se prepara para um programa do Governo do Estado de Pernambuco para fazer um intercâmbio, necessitando desenvolver as quatro habilidades: escrita, oralidade, leitura e audição.

A aluna M.E. inicialmente relutou muito, na verdade, passaram-se quase 3 (três) meses até a necessidade ficar mais forte e ela decidir iniciar o acompanhamento on-line. Em mensagens enviadas entre a professora e a aprendiz, esta explica que “não domino a tecnologia para isto” e não sabia nem mesmo fazer chamada de vídeo disponível no *inbox* do Facebook. Rede pela qual se desenvolvem as aulas particulares. Ela necessita de acompanhamento escolar nas disciplinas de Inglês e Redação.

A estudante G. também relutou a iniciar as aulas de idioma. Ela aceitou começar somente após uma conversa com a irmã M.E. Que “desmistificou” o medo de ter aulas a distância utilizando as redes sociais, neste caso, o Facebook. É importante ressaltar que o material faz uma grande diferença para esta estudante, ela particularmente gosta muito do material impresso (que são os slides com o conteúdo do assunto desenvolvidos pela professora) para poder estudar. Ela pretende fazer um curso fora do país e tem aulas de Francês.

D. é uma aluna muito esforçada, sem muitos recursos financeiros e tem aula exclusivamente pelo celular por não ter um computador disponível. Ela utiliza o aparelho para acessar o Facebook, inicialmente ela não sabia baixar os materiais disponibilizados, porém, após as explicações da docente, ela aprendeu. D. está se organizando para fazer um programa denominado *Au Pair*, no qual o estudante financia

parte do intercâmbio trabalhando meio expediente e em outro horário estuda a língua alvo na escola de idiomas.

B. é uma aluna que não possui e-mail e, desta forma, não há contas de Skype, Facebook ou Hangouts. As aulas são exclusivamente feitas pelo Whatsapp. O curioso é que, inicialmente, ela utilizava o celular dela e o da mãe. O dela era para ver a professora e o da mãe para acompanhar o material (slides em PDF) enviado do assunto abordado. Até o momento que aprendeu a consultar os materiais e acompanhar as explicações apenas escutando o áudio utilizando apenas um celular, o dela. Na primeira aula a aluna afirmou “estava curiosa e não sabia se iria dar certo estudar assim”.

É importante ressaltar que B. não sabe enviar os materiais do Whatsapp para o e-mail, neste caso o da sua irmã. Desta forma a professora tem que enviar o material tanto para o Whatsapp da aluna quanto para o e-mail da irmã para ser impresso e servir de consulta e revisão para B. Ela tem acompanhamento escolar nas disciplinas de Inglês e Português.

C.S. também é uma estudante que já dominava o uso do Skype. Apresentou inicialmente problemas em baixar os materiais enviados para acompanhar a aula, mas no primeiro encontro este obstáculo já tinha sido solucionado. C.S. está dando continuidade aos estudos de Inglês e Francês. O ponto mais positivo apontado pela aprendiz é a flexibilidade de estudo, uma vez que por falta de tempo ela jamais poderia se matricular em um curso de idiomas pela distância de onde ela mora, além do desgastante devido aos engarrafamentos.

G.N. é um estudante que já teve experiência com o Skype, mas prefere utilizar o Facebook para as aulas. Com o objetivo de tirar um certificado internacional em Língua Inglesa para estudar uma pós-graduação em outro país, ele não apresentou problemas na mudança da modalidade de ensino. Na primeira aula ele afirmou “a aula assim [a distância] é a mesma coisa de você [a professora] está aqui perto”.

Além de se elaborar um material (slides para explicações dos assuntos e fichas de atividades, que são convertidas em PDF) de acordo com a necessidade de cada um, a professora também tem uma vasta lista de sites de diversos conteúdos e indicações de vídeos. É importante explicar que nem todos estes materiais são recomendados a todos os alunos, pois, é necessário observar o perfil de cada um para poder indicá-los. Por exemplos, C.M. está muito acostumada a fazer pesquisas na internet e a indicação de vídeos e atividades on-line são propícias para tal aprendiz, ao contrário de B. que praticamente não utiliza o computador e necessita de materiais impressos para fazer a revisão das provas. D. costuma baixar os vídeos indicados (principalmente de músicas e aulas)

a fim escutá-los em seu celular no percurso até o trabalho e no retorno para casa à noite.

Desta forma, cada aluno recebe o material ou a indicação de recursos on-line mais compatíveis tanto com suas reais necessidades quanto com sua familiaridade com estes recursos.

O professor deve saber observar as habilidades, necessidades e propensões de seus estudantes a fim de utilizar o recurso que seja satisfatório e pertinente ao indivíduo, personalizando, facilitando e, acima de tudo respeitando, o processo de ensino-aprendizagem de cada um.

4. Considerações Finais

Esperamos que este trabalho possa ampliar a visão dos indivíduos e possibilite a mudança da prática docente quando nos referimos à utilização de redes sociais para o desenvolvimento de ensino de línguas e acompanhamento escolar.

É possível criar e indicar atividades que facilitem o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes a distância. Na verdade, esta modalidade exige que o professor repense em novas formas de ensino que não costumam ser vivenciadas na modalidade presencial.

As redes sociais, mediada por um profissional capacitado, podem auxiliar os estudantes em suas necessidades de aprendizagem de maneira mais flexível, dinâmica e prazerosa. Os materiais disponíveis são muito diversificados e também devem ser analisados e indicados de acordo com o perfil de cada indivíduo.

A distância física hoje não pode ser considerado uma desculpa para não se estudar, nem para deixar de ter aulas de idiomas ou acompanhamento escolar on-line. É necessário quebrar com a ideia de que esta atividade só pode ser feita com a presença física das pessoas envolvidas neste processo, neste caso o professor e o aluno.

As tecnologias da informação e comunicação (TICs) nos possibilitam não só outras formas de ensino, mas também novas formas de aprender, para isto, basta vislumbrar as possibilidades de uso com fins educativos dispostos nestes recursos, que muitas vezes carregamos em nossas próprias mãos.

Referências

- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003, p.31.
- CIRILO, Suzana, dos S.; SANTOS, Luana dos; SANTOS, Vanusa V. dos. **As redes sociais no processo de ensino-aprendizagem**. Anais do COIPESU, 2015. Disponível em: <<http://www.coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/12/as-redes-sociais-no-processo-ensino-aprendizagem.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2018.
- HERMIDA, Jorge F.; BONFIM, Cláudia R de S. **A educação a distância: história, concepções e perspectivas**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, p.166–181, ago., 2006.
- MORAN, J. M. Novos caminhos do ensino à distância. **Informe CEAD - Centro de Educação à Distância**, Ano 1, n. 5, out/nov/dez. Rio de Janeiro: SENAI, 1994.
- SILVA, Ana Paula S. S.; COGO, Ana Luisa P. **Aprendizagem de punção venosa com objeto educacional digital no curso de graduação em enfermagem**. Revista Gaúcha de Enfermagem. Porto Alegre/RS, v. 28, n. 2, p.185-192, 2007.
- SILVA, Francineide S. da; SERAFINI, Maria L. **Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem: com a palavra o adolescente**. In.: SOUZA, R. P. et al., orgs. Teorias e práticas em tecnologias educacionais. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 67-98.
- VALENTE, J. A. **Informática na educação: a prática e a formação do professor**. In: Anais do IX ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino). Águas de Lindóia, 1998, p.17.